

Cresce área de invasões

Carlo Mazzoni

DF invasão

18/12/85, QUARTA-FEIRA • 15

na Asa Norte

As invasões da Asa Norte, que somam oito núcleos habitacionais, são as que mais crescem em Brasília conforme constatações de técnicos ligados à área de habitação do Governo do Distrito Federal e de informações dos próprios moradores desses locais. A invasão da quadra 309, por exemplo, de acordo com os dados do núcleo de pesquisa da Sociedade de Habitação e Interesse Social (Shis), cresceu em 125 por cento nos últimos dois anos. Em 1983, a área era ocupada por 44 famílias e agora já há 99.

A Vila Nova, mais conhecida por Invasão do Ceub, que começa na quadra 908 e se estende até a 916, tinha em 1983 cerca de 420 famílias. Hoje, embora o núcleo de pesquisa da Shis não tenha dados precisos, seus técnicos admitem que este número deve ter dobrado. A chefe do núcleo, a socióloga Patrícia Colela, afirma que apesar das pressões feitas no sentido de se evitar a expansão dessas áreas, as famílias carentes, sem emprego e sem teto estão burlando a norma.

Ela diz que a quantidade de barracos não cresce, mas em compensação aumenta o número de moradores num mesmo local. O presidente da Associação de Moradores da Vila Nova, Raimundo José de Souza, confirma esses dados. Ele mora no local há mais de oito anos e, conforme recorda, quando chegou ali "havia pouca gente". Hoje há muitas famílias morando num mesmo barraco, sustenta. Raimundo de Souza informa que fez uma pesquisa e constatou que moram atualmente na Vila mais de 800 famílias.

Além dessas duas áreas, consideradas as maiores em ocupação, há ainda as das quadras 308, 214, 414, 110, 208 e 604, que também estão em ritmo de expansão, muito embora não se perceba, visto que o número de barracos continua o mesmo, de dois anos atrás, em decorrência da rigorosa fiscalização da Terracap. Nos barracos, no entanto, a superlotação é visível e seus moradores vivem em pé-

simas condições de higiene, já que não contam com qualquer serviço de infraestrutura, como água, esgoto e luz.

Desemprego e fome

Paralelo ao crescimento das áreas ocupadas, os moradores das quadras da Asa Norte reclamam de assaltos e pequenos roubos em suas residências e em casas comerciais. Ermíndia Pontes, proprietária de uma panificadora na 709, conta que já foi roubada várias vezes. "Eles entram aqui e pegam cigarro, dinheiro e comida", sustenta.

Dona Ermíndia afirma que está muito chocada com o assassinato do assessor parlamentar do Senado Federal, José Carlos Fernandes, no último sábado, à noite, no conjunto R, da quadra 707. Ela diz que ele era "quase" seu vizinho. "Esses pequenos roubos a gente admite porque são famílias que passam fome, mas matar, não", frisou dona Ermíndia.

Isabel Alves de Lima, que mora na quadra 05, do Conjunto E, da 709 Norte, já foi assaltada "em plena luz do dia". Ela atribui o assalto à existência de invasões ao redor da Asa Norte. Apesar disso, ela admite que as famílias fazem isso devido ao desemprego, à fome e as péssimas condições em que vivem. "No fundo, nós somos culpados" salientou.

Os moradores, de um modo geral, acham ruim os assaltos, mas sustentam que têm pena dos invasores. João Francisco Dias, por exemplo, é um dos moradores da invasão da quadra 309, que não possui qualquer renda. Ele está desempregado há seis meses, tem quatro filhos, e a alimentação que entra em sua casa é proveniente de fundos sociais de órgãos do Governo. "Ainda não roubei, porque não tenho tipo para isso", confessou seu João.

De acordo com os dados do núcleo de pesquisa da Shis, 66,8 por cento dos moradores das invasões da Asa Norte ganham menos de dois salários mínimos e 12,3 por cento não possuem qualquer renda. Na Vila Nova, 62,8 por cento ganham menos de dois salários mínimos e 7,6 não contam com renda.